

ENTREVISTA

Maria Soledade Gomes Borges

Professora docente e administrativo da Universidade de Uberaba (UNIUBE)

1. Mini currículo

Nasci em Uberaba, Minas Gerais, e iniciei a minha formação escolar no Colégio Nossa Senhora das Dores, das Irmãs Dominicanas. Aí cursei o primário, o ginásio e o curso Normal (formação de professores para crianças das séries iniciais). Continuei meus estudos na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino (FAFI), também das Irmãs Dominicanas, tendo concluído o curso de Pedagogia em 1963. Retornei, mais tarde, para completar a minha formação de pedagogo cursando a graduação em Supervisão Escolar nos anos de 1978 - 1979 nas Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino (FISTA) de Uberaba. Como desde criança, eu me dedicava também ao estudo de música, de 1974 a 1977, cursei Licenciatura em Música e Graduação em Piano na Faculdade de Artes de Uberlândia (FAU). De 1983 a 1985, fiz o curso de Especialização em Orientação Educacional na Universidade de Uberaba (UNIUBE), e de 1993 a 1994, cursei Especialização em Planejamento Educacional em uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Uberaba e a Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Somente em 2002, pude realizar um sonho acalentado há muitos anos: cursei o Mestrado em Educação na UNIUBE, iniciado em 2002, e concluído em 2004.

2. Qual é a sua trajetória pela profissão docente?

Minha atuação profissional também se dividiu entre a música e o ensino nas escolas regulares, desde as séries iniciais do curso primário ao ensino superior. Fui professora alfabetizadora em escolas estaduais, ministrei aulas em Curso de Magistério (Didática) e no Conservatório Estadual de Música Renato Frateschi de Uberaba, onde fui professora de Musicalização e Criatividade, Percepção Musical, Didática e Prática de Ensino no curso de Magistério em Educação Artística que, à época, era ofertado pelo Conservatório. Também atuei como Orientadora Educacional nesta instituição de ensino. Em 1982, iniciei a docência no ensino superior na FIUBE que, a partir de 1988, se tornou Universidade de

Uberaba (UNIUBE), onde ministrei aulas de conteúdos ligados à formação específica do Orientador Educacional, aos fundamentos de educação e metodologias de conteúdos específicos das séries iniciais do Ensino Fundamental. Considero também relevantes outras atuações profissionais que exerci paralelamente às já citadas: atuei como Coordenadora Pedagógica de 1ª a 4ª série do 1º Grau na Sociedade Escola Técnica José Bonifácio (Objetivo Júnior) em 1991/1992, e como Supervisora Pedagógica de 1ª a 4ª série do 1º grau no Colégio Jean Christophe de 1º grau de fevereiro de 1993 a junho de 2004, em Uberaba. Fui Chefe da Seção de Capacitação Docente da Secretaria Municipal de Educação de Uberaba de julho de 1994 a dezembro de 2000; e Coordenadora do Centro de Formação Permanente de Professores – CEFOR – da Secretaria Municipal de Educação de Uberaba – de julho de 1994 a dezembro de 2000. Atuei como Diretora da Faculdade de Educação de Uberaba – FEU - no período 2001 a 2004 e também como professora de 1997 a 2006. Durante o período em que estive vinculada à Secretaria Municipal de Educação de Uberaba, pude atuar em programas de formação de recursos humanos para a Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental, tanto na rede de ensino público como particular. De 2002 a 2007, na qualidade de Professor visitante da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, ministrei aulas no Módulo de Planejamento e Prática Pedagógica no Curso de Especialização em Docência no Ensino Superior. Atualmente, na UNIUBE, sou professora do componente curricular Trabalho de Construção de Aprendizagem e, desde 2005, atuo como Coordenadora de Projetos e Programas, na equipe de Apoio Pedagógico da Pró-Reitoria de Ensino Superior da Universidade de Uberaba. Sou Coordenadora de Área do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – CAPES/PIBID/Pedagogia - desde 2012, em parceria com a Escola Municipal Uberaba, tendo já desenvolvido o subprojeto: *Cidade alfabetizadora: uma proposta de alfabetização por meio do estudo da história local e do cotidiano (2012 - 2013)*. A partir de 2014, iniciei, com a mesma escola parceira, o desenvolvimento de um novo subprojeto aprovado pela CAPES: *Cores, formas, sons e movimento: a presença da arte no processo de alfabetização*.

3. Docência e pesquisa são instâncias indissociáveis em sua trajetória?

Considero que docência e pesquisa fizeram e fazem parte da minha trajetória como docente. Para falar sobre esta questão, tomo como fundamento as considerações de Pedro Demo em seu livro “Desafios Modernos da Educação”. Ao tratar dos “Desafios da

Universidade”, ele coloca a questão da pesquisa como o desafio central. Ele afirma que a pesquisa, “como princípio científico e educativo”, “como geração de conhecimento e promoção da cidadania” é a alma da vida acadêmica. Para o autor, pesquisa significa “diálogo crítico com a realidade, culminando na elaboração própria e na capacidade de intervenção”; é “aprender a aprender”. Vista desta forma ampliada de sentidos, ela pode e deve existir desde a pré-escola até à Universidade. Ao mesmo tempo, por esse ângulo, pesquisa não significa “qualquer coisa”. E, ainda, nada impede que exista na Universidade um grupo que se dedica à pesquisa como princípio científico. A pesquisa para Demo “funda o ensino e evita que este seja simples repasse copiado”. É desta forma que vejo a indissociabilidade entre docência e pesquisa na minha atuação como docente. Como professora tenho lutado, cotidianamente, para que o aluno adquira autonomia e aprenda a produzir seus próprios textos e não apenas a copiá-los. Sobretudo no componente curricular que ministro - Trabalho de Construção de Aprendizagem, a exigência é que ele registre suas aprendizagens significativas ao longo do ano, trabalho este que é acompanhado por mim. Ao final da etapa, ele deverá apresentar um portfólio que seja fruto de suas reflexões. Para que a construção da autonomia ocorra, precisamos como docentes, *aprender a aprender* todos os dias. Assim, nosso trabalho em sala de aula, que é fruto do pensar sobre o processo ensino e aprendizagem, constitui-se também em um momento privilegiado de produção e socialização do conhecimento.

4. É possível pensar numa docência sem pesquisa?

Acredito que não seja possível pensar numa docência sem pesquisa. Primeiro, porque acredito que a pesquisa deve ser vista como uma “atitude” do professor que exerce sua atividade por meio do questionamento, da elaboração de possibilidades, da criatividade; que constrói a sua aula junto com o discente e não apenas repassa o conhecimento pronto, como verdade inquestionável. Busco (pelo menos tento) como horizonte da minha ação docente que o meu aluno seja capaz de procurar (e encontrar) respostas para as suas perguntas. O ato de ensinar é importante, mas não termina nele mesmo. Reafirmo a posição de Demo (2000, p.128) sobre o assunto, “Quem pesquisa, tem o que ensinar; deve, pois, ensinar, porque “ensina” a produzir, não a copiar. Quem não pesquisa, nada tem a ensinar, pois apenas ensina a copiar”. Como exemplo de uma atividade que ultrapassa a sala de aula, cito o trabalho de coordenação do Programa Institucional de Atividades Complementares – o PIAC que exerço atualmente na UNIUBE, juntamente com um

Colegiado de Professores Orientadores. Este programa desenvolve-se em duas linhas de ação: “EDUCAÇÃO PARA O EXERCÍCIO DA CIDADANIA” e “EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE” e as propostas de atividades integram alunos e professores de todos os cursos e estimulam o contato do discente com a realidade social, econômica e cultural, tendo em vista o exercício da cidadania. Muitas propostas são interdisciplinares, orientadas e acompanhadas por professores possibilitando ao aluno a visão de um mesmo problema ou fenômeno sob diferentes ângulos, facultando o desenvolvimento da autonomia, do *aprender a aprender* sem perder de vista a unidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

5. Qual é a relação entre a sua experiência extraprofissional com o seu exercício docente?

Os nossos saberes pessoais, aqueles que trazemos da nossa história de vida, aliados aos que são provenientes da nossa formação escolar, aos que são incorporados através dos livros que lemos, dos filmes a que assistimos, das experiências de vida que foram marcantes para nós, bem como dos programas de formação dos quais participamos e dos saberes da experiência que nos marcaram e fomos incorporando, tudo isso faz parte da nossa maneira de ser e agir, nos espaços escolares onde atuamos. A nossa forma de ver, ouvir e nos relacionar com o outro e com o mundo está estreitamente ligada à nossa história de vida, à formação intelectual, afetiva, moral, estética que construímos. Estudei em um colégio particular que era, naquela época, considerado a melhor opção para as meninas, como o colégio Marista era visto como o melhor para os meninos. Estudamos neste colégio, eu e minha irmã, com muito sacrifício de nossos pais, principalmente da nossa mãe que considerava que a única coisa importante que ela poderia nos deixar era “o estudo e a formatura”. Para isso ela lutou muito e teve que se desdobrar no seu trabalho de “costureira” para arcar com as despesas que isso acarretava. Essa forma de valorizar os estudos, com certeza faz parte da minha história e transportei isto como um objetivo que persigo no cotidiano da minha vida, na criação dos meus filhos e agora dos meus netos e também na sala de aula como docente. Quero que meus alunos acreditem no valor da educação e lutem para concluir os seus estudos na universidade. São muito fortes essas conexões que fazemos entre as nossas experiências vividas e os suportes teóricos que vamos acumulando na nossa formação docente e que criam o nosso estilo de ser professor, nossa identidade profissional.

6. Como você se posiciona a respeito da formação docente no Brasil atualmente?

No cotidiano do meu trabalho docente, tento observar informalmente os professores em sua atuação - suas falas, alegrias, desalentos, vitórias, descobertas, imagens que têm dos alunos e a forma como se relacionam com eles - e me pergunto: como manter viva a vontade de ser professor? Sabemos que o fato de “dar aulas” ou ter conhecimentos teóricos e metodológicos aprendidos em cursos de formação não são elementos suficientes para caracterizar o “ser professor”. A tarefa docente exige muito mais de nós, pois é uma construção contínua que acontece ao longo da nossa história de vida, por meio das inúmeras interações com situações de ensino e aprendizagem dentro e fora da sala de aula. Este é o ponto crucial que a docência tem enfrentado atualmente: a formação muitas vezes superficial, a falta de incentivo para a formação continuada, a situação caótica das escolas, tudo isso tem provocado o esvaziamento dos cursos de licenciatura e enfraquecido a “vontade de ser professor”. Acredito que os cursos de formação continuada devem possibilitar aos docentes retomar os “saberes da ação”, repensá-los, socializá-los, tentando estabelecer conexões entre eles e a formação acadêmica. Para isso é preciso que os professores adquiram o hábito de narrar suas experiências que muitas vezes são tão ricas, mas se perdem por falta desses registros. Essa postura pode ser um estímulo para cultivar a vontade de ser professor, possibilitando cursos de formação que promovam a construção coletiva de conhecimentos, a participação interativa, a reflexão sobre a prática e os saberes dos professores e a vivência de situações profissionais com suas descobertas e surpresas.